

São Gonçalinho “nosso menino”: rituais de celebração festiva da vida dos aveirenses

Conceição Lopes¹

Resumo: O presente artigo busca expor diversos aspectos das festividades de São Gonçalo, na região de Aveiro em Portugal, para por meio deles analisar os simbolismos presentes no ritual. O texto se articula em discursos verbais e não-verbais do ritual, testemunhos dos devotos e ampara-se também nas publicações locais sobre a festa.

Palavras-chave: Religiosidade, Comunicação, Folkcomunicação

Abstract: This paper discusses various aspects of the festivities of São Gonçalo, in the region of Aveiro in Portugal, through them to analyze the symbolism present in the ritual. The text is divided into speeches verbal and nonverbal ritual, testimonials of devotees and also supports the local publications about the party.

Keywords: Religiosity, Communication, folk communication.

1. Testemunhos

– *“Toma lá meu rico menino, leva este, é mais bonito”* dizia Dona Emília, mordoma de 80 anos, à família de meninos que acompanhados por seus pais, entravam na capela de São Gonçalinho e ali ficavam a observar, o Santo.

Dona Emília há anos que toma conta da bandeja, ali sentada junto à janela, do lado direito de quem entra na capela, mesmo no canto, a conversa solta-se com conhecidos e outros

¹Conceição Lopes é professora associada com agregação da Universidade de Aveiro, Portugal.

nem tanto, mas a todos acolhe com o mesmo sorriso, enfeitado pelos olhos azuis que comunicam sabedoria e celebração de São Gonçálinho. – *“Ai mulher o frio é tanto este ano tenho sofrido muito dos ossos tenho tudo fora do sítio e custa-me levantar cedo ai! Custa-me tanto!”* - Desde que a capela abre até que se fecha, ali está, manta sobre os joelhos, aquecedor ligado, pés por baixo, para que nem todo o calor se esvaia pela porta escancarada a quem entra, para dar, logo de caras com o *“nosso menino”* o São Gonçálinho. Há anos, que toma conta da bandeja: – *“Aqui (com um gesto de mão sinaliza o mealheiro) deixam dinheiro de promessas ou levam calendários com a imagem do São Gonçálinho que a mordomia manda fazer. São pequeninos, estes são bons para por na carteira”*. *“Ponho-me à conversa/também, sempre aqui não vejo nada! Agora já me custa andar. Quer que lhe diga, não escreva tanto, está aqui tudo”*. A pretexto da festa a Mordomia fez a edição de calendários, Dona Emília dá-me um. De um lado tem a imagem do Patrono da Beira-Mar, do outro os meses e dias do ano de 2009 que começara a nove dias desta conversa com Dona Emília, na capela do São Gonçálinho. No interior, as quadras da dança dos mancos cujo refrão leio:

“Ai Sim Ai Sim

Ai Sim Ai Não!

Santo da minha Alma

Do meu coração”.

Dona Emília acolhe quem chega e ajeita o mealheiro grande, de madeira feito, onde os devotos acabaram de colocar uma oferenda em dinheiro. – *“Está a ver, nos dias de festa, esta é a minha função, tomo conta da bandeja”*. Dona Emília ajeita, sobre os joelhos, o cobertor que caiu no chão, ao levantar-se: – *“Trouxe-o de casa. Tenho umas meias grossas e estas pantufas que já não consigo andar melhor dentro de outro calçado”*. Retomamos a conversa e diz-me: – *“À tarde vem mais gentinha. Agora vai correndo a manha é mais, um agora, outro depois. Olhe, os dias mais fortes são domingo e segunda-feira, bem mas com sol, logo à tardinha ainda vai vir um ror de gente”*.

Dona Emília, mãos expressivas e marcadas por uma vida de muito trabalho e alegrias, orienta nos seus gestos o meu olhar para as flores.

– *“Está a ver as flores? Vêm da Holanda (...) são as Mordomas que preparam tudo. As flores ficam nos até murcharem todas”*. E, começa a desfiar, como contas de um rosário sem mistérios, algumas das contas da sua vida:

– *“Nasci na Beira-Mar ainda me lembro que, antigamente, ficavam todos a dormir na capela, a música tocava até às tantas, homens e mulheres todos juntos e tudo no respeitinho! Era um modo também de guardar as pratas, que estavam expostas nos dias da festa, uma cobiça para os ladrões. O meu apego a este menino é muito grande, já me salvou muitas vezes e cá estou”*.

– *“Toma lá rico menino, toma este calendário, está aí tudo”*. Dona Emília entrega um calendário a um vizinho da Beira-Mar com idade bem avançada que o recebe sorrindo e à saída da capela baixa a cabeça ao São Gonçalinho, em jeito de *“dê-me a sua benção meu Santo”*. No recanto da nossa conversa, a bandeja das oferendas está assinalada por uma imagem de São Goçalinho. O sol, entrando pela janela ilumina-o. Não é de papel esta imagem é de cerâmica pintada. O sorriso de Dona Emília faz parecença com o sorriso de São Gonçalinho. Quem entra na capela e olha para o canto onde ela está sentada tem a ilusão que o São Gonçalinho está no seu colo. E, é como dizia há pouco, vai entrando mais gente na capela, ajoelham-se ou ficam de pé frente a frente a São Gonçalinho que está no altar-mor. Depois, vão ter com Dona Emília: – *“Olhe senhora este cartão maiorzinho tem a oração do Senhor Padre, leve-o, tome”*. Lá vai mais um devoto com um postal do São Gonçalinho.

Por alguns instantes, Dona Emília regressa à conversa comigo e explica-me: – *“Está a ver, acolá debaixo do altar estão os votos, está a ver aquela senhora com a menina? Estão a rezar, aquilo foi promessa, botou uma menina de cera, os votos, não está a ver? Aquilo foi graças do Nosso Menino, é uma grande devoção. E já lá está outro voto, o ramo de flores”*. Acaba de entrar uma vizinha do bairro da Beira-Mar, uma mulher desenvolta: – *“É a segunda vez que cá venho hoje, venho ver se me das um postal de São Gonçalinho com o fundo branco aqueles de branco”*. Dona Emília responde-lhe a jeito: – *“Oh! mulher espera aí, já te dou”* e retoma a explicação sobre os votos: – *“Ali, debaixo do altar é o lugar p’ra colocarem os votos”*. Dona Emília abre a gaveta da mesa sobre a qual está a bandeja e retira um postal dos grandes e dá à vizinha que reage de imediato: – *“Não quero este, este já tenho, dê-me o outro”*

Ti Emília, é mais lindo”: – “*Oh! Mulher toma lá não fiques aguada, toma lá tu também e andai*” (Lopes, 2009).

Os media regionais dedicam algumas das suas páginas à promoção e divulgação da festa do São Gonçalinho.

Do jornal “O Aveiro”, de 5 de Janeiro de 2006, na antevéspera do início das festas, recolheu-se o testemunho de Pedro Soares, 50 anos, sobre a festa, pela jornalista que assina o artigo com as iniciais de PJB, quando caminhava com a filha mostrando-lhe o bairro da Beira-Mar: “*A festa era muito popular estamos na zona mais antiga da cidade, onde se mantinham esses costumes. À tarde havia pessoas que subiam ao tecto da cúpula, levavam um cesto carregado de cavacas e começavam a atirá-las lá de cima. Cá em baixo, as pessoas estavam numa grande euforia e traziam guarda-chuvas virados ao contrário para tentar recolher o maior número possível de cavacas*”.

Cecília Augusta dos Santos, também referenciada no mesmo artigo, acrescenta no seu testemunho acerca do ritual do lançamento das cavacas o seguinte: “*Acho muito engraçado. Levantam-se as saias para apanhar as cavacas, os aventais, cestos, guarda-chuvas, tudo! Vão mesmo ao chão apanhá-las e comem-nas. Muitas vezes as pessoas levam com elas na cabeça, coitadinhas! Eu vejo tudo da minha janela*” (PJB, 2006:9). Também Paula Rocha, no mesmo jornal, assina um artigo sobre a festa, divulgando testemunhos de João Moreira, um dos mordomos, que na data integrava a comissão de festas em honra de São Gonçalinho. Referindo-se às Cavacas, deu o seu testemunho como mordomo: “*Nós encomendámos três toneladas para pessoas que nos foram pedindo e para quem chega aqui e não traz. Mas para além das nossas, os fiéis podem também adquirir cavacas junto dos vendedores que estão pelas ruas da freguesia*”. Acerca do trabalho da comissão, acrescenta que “*é preciso fazer as coisas com muita calma e, acima de tudo, com muito tempo. Nós reunimos todas as segundas feiras para irmos acertando todos os pormenores, delinear estratégias e traçar objectivos*” e sublinha o trabalho das mordomas: “*é preciso manter a capela bonita e arranjada. Nós fazemos uma parte e as mulheres dedicam-se à outra. Tem sido sempre assim e tudo tem corrido na perfeição*” (Rocha, 2006:8).

Por sua vez, também o jornal “Campeão” das províncias, na quinta-feira, 6 de Janeiro do ano de 2000, na véspera do início dos festejos dedica duas páginas ao evento, num artigo

de Daniela Sousa Pinto de que citamos o testemunho dado pelo juiz da Festa desse ano, Vasco Alves Lopes, que coloca em questão a origem do São Gonçálinho: *“Não se sabe se o nosso menino passou ou não por Aveiro, seja como for, algum crente nos seus milagres o trouxe para Aveiro, onde é mais do que venerado. Pode-se mesmo dizer que São Gonçálinho é amado. Não sei o que é que o Santo tem, mas ele é mesmo muito querido. Tanto que até lhe chamamos o nosso menino. São Gonçálinho encerra um grande mistério (..) eu acredito, tenho recebido muitas graças. São Gonçálinho nunca me faltou.”* Também João Nunes, mordomo de São Gonçálinho, no mesmo ano, testemunha que: *“Sou mais amigo da folia. Acredito no São Gonçálinho, mas admiro e esforço-me por preservar as tradições da Beira-Mar, que são riquíssimas. Mas apesar de ser mais brejeiro, tenho que admitir que o S. Gonçálinho encerra um grande mistério”*.

À despedida, diz Dona Emília, a *“nossa menina”* como carinhosamente lhe chamam os mordomos, dá a sua saudação dizendo: – *“Mulher apegue-se ao Santo! Olhe p’ra mim ainda ontem estava que nem me podia levantar da cama! E tu, (dirigindo-se com expressão brincante, a um mordomo) não esqueças da promessa que me fizeste!”*

2. São Gonçálinho de Aveiro e a festa que produz e actualiza a vida

Para contribuir para a compreensão da teia simbólica ligada à festa de São Gonçálinho, sublinha-se em primeiro lugar duas perspectivas contrapontísticas: uma imediata, daqui e da gente, reflectindo sobre alguns dos rituais de celebração festiva do São Gonçálinho de Aveiro, símbolo singular de religiosidade popular que mora no coração dos seus devotos Aveirenses. E, outra, de longa duração, ligada ao lugar de nascimento e identidade de São Gonçálinho, cujos mitos e lendas atravessam tempos, lugares, continentes e países.

Contudo, a religiosidade² do apego e devoção dos seus devotos tudo ultrapassa, São Gonçálinho é o *“nosso menino”* e *“há-de ser”*.

² Religiosidade aqui entendida como a expressividade da ecologia do espírito humano orientada pela crença a princípios e regras que respeitam a essa crença e a ela se é fiel. Fonte de energia ética, estética e moral, é uma matriz para o comportamento e suporta escolhas nos bons e maus momentos da vida.

De espírito humano, “*a todos acolhe e protege envolvendo-o os seus devotos com o seu sorriso de menino*” brincalhão, mediador na resolução de conflitos inter-pessoais, são lhe atribuídas qualidades milagrosas como o do homem paralítico e cego³ e outros guardados em silêncio que os votos, oferendas, a alegria da acção de graças e o lançamento das cavacas revelam. Casamenteiro, curador de doenças de ossos, tocador de viola, benfeitor, dançarino, milagreiro, tira os encravanços do peito sofrido, as verrugas da alma encarquilhada de dor, as maleitas do corpo enfermo, enfermeiro, médico, criador de vida, goza da fama de casamenteiro e procriador.

Porém, contam outros, sempre ouviram contar que é, também, “*vingativo*” quando a promessa feita não é cumprida ou “*quando lhe faltam ao respeito*”. Regista-se a existência de cinco lendas que dão conta disso e que foram recolhidas⁴ em testemunhos de pessoas da Beira-Mar em 2001: – “*Uma vez quando a capela estava a ser construída andavam dois homens a cair a parede frontal do altar-mor e um deles terá dito ao outro que estava no cimo da escada: bota aí o cigarro na boca do Santo! Olhe depois de ter feito o que o outro lhe disse para fazer, catrapum, estatelou-se no chão partiu as duas pernas e ficou com mazelas para o resto da vida. Passados alguns anos foram feitas obras de melhoramento na capela e enquanto um dos homens se encontrava perto da imagem de São Gonçalinho, outro contava esta lenda, e o homem em jeito de gozo criticou a lenda e tocou por acaso na imagem do Santo, desequilibrou-se do escadote caindo no chão, partiu uma perna*”. – “*Um outro homem, lembrou-se de substituir as cavacas da oferenda por casca de pinheiro caiadas, adoeceu gravemente*”.

E outro ainda acrescenta: – “*Esta é do tempo em que o nosso menino era vivo e andava por aí, a pregar e a pedir esmolas para dar aos que precisavam e encontrando dois fidalgos, pediu-lhes ajuda. Um deles escreveu umas coisas num papel e deu ao “nosso menino” e disse-lhe: vai a minha casa e dá este papel à minha mulher, ela que te dê o que está aí escrito. São Gonçalinho assim fez. A fidalga leu o que estava escrito: dá a este homem*

³ Sampayio, Stephanus de; Thesaururus Arcanus, Parisiis: apud Thomam Perier, 1586, p.153 in Arlindo Cunha, pp. 41.

⁴ Testemunhos recolhidos em 2001, pelos alunos da Universidade de Aveiro, Jeanete Conceição, Nuno Costa e Daniel Santos, no âmbito de um trabalho de projecto na Disciplina de Comunicação Institucional da Licenciatura em novas Tecnologias da Comunicação, regida pela Professora Conceição Lopes.

o peso deste papel em ouro. A fidalga disse que o marido era um brincalhão e que o papel não pesava nada, mas o São Gonçalinho insistiu para que ela fizesse o que o fidalgo mandara e não é que o papel pesava muito e o nosso menino levou muito ouro” (2001).

Lendas que continuam a alimentar o imaginário dos devotos, como a recolhida pela autora, na manhã do dia dos 750 anos do São Gonçalinho: – *“Este anel de ouro, este aqui na minha mão, está a ver! é dele, prometi dar-lho. Ele não me abandonou, ainda ando com o anel no dedo, mas é dele. Para o ano se a vida me correr, bem o foguetes da festa vão ser por minha conta”*.

Desde 1259 que São Gonçalinho continua a ser um pólo aglutinador da manifestação da ludicidade dos seus devotos que, ainda, lhe retribuem com cantigas:

Brincalhão e galhofeiro
Vós fostes das velhas
devoto casamenteiro.

Ó santinho milagroso
dai também às raparigas
um noivinho bem formoso.

São Gonçalinho, implora
Junto de Deus, lá no céu,
Feliz vida e boa sorte
P’ra todo o bom Cagaréu.

Viva e reviva
São Gonçalinho
Dai-me meu Santo
Um filhinho.

São Gonçalinho faz parte do mundo da vida, não apenas das gentes do Bairro da Beira-Mar que o têm como Patrono, mas também de Aveirenses e de outras gentes que na

celebração da festa se reconhecem e compartilham, colectiva e reciprocamente, da experivivência cultural baseada na tradição que anualmente se actualiza.

3. A Festa do São Gonçálinho experiência total do sagrado humano

Festividade cíclica, a Festa de São Gonçálinho, não se limita a instaurar uma ruptura com a temporalidade laboral de um quotidiano, onde o tempo tem valor de dinheiro, ganha-se, perde-se, esgota-se, tira-se, dá-se, desperdiça-se. É ter e não ter em vidas, muitas vezes, reguladas pelo “despacha que tenho pressa que o tempo não dá para mais”. Contudo, para São Gonçálinho, como dizia Dona Emília: – *“Arranja-se sempre tempo, não há casa nenhuma aqui do bairro que não tenha um São Gonçálinho. Tenho estado mal dos ossos todos com a festa Ui! Arrebato”*.

A festa, lugar de encontro e de celebração colectiva, marca distintamente a relação da existência singular de cada um, como o seu modo de ser quem é, com os outros e no mundo da vida que partilham. Na festa tudo bate certo.

Diz-se que as festas em Aveiro terão começado em tempos perdidos. Mas a memória dos antigos não esquece e regista que as festividades acontecem desde 1875. Num texto publicado, no Arquivo distrital de Aveiro, José Tavares refere-se à existência continuada das festas desde 1935.

Em cada ano renovada, a festa é programada pela Mordomia de São Gonçálinho⁵ constituída por homens e mulheres com papéis sociais distintos e apoiada financeiramente com oferendas, também, sustentadas pelos devotos. Marcada por oscilações, tensões e conflitos, como são sempre as coisas de natureza humana, a Mordomia e a Comissão de Festas, de cada ano, têm garantido o longo dos anos, através de uma organização instituinte a realização da efemeridade, em quatro dias de celebração anual, geralmente, entre 7 a 11 de Janeiro⁶.

A plenitude da ecologia do espírito humano é experivenciada por cada celebrante. As estratégias de comunicação e de ludicidade promovidas concretizam-se em rituais de “*estar junto*”, reguladas por uma ordem simbólica que irmana cada um aos demais, num entre muitos, entre tantos e vários com cada um, na contemplação e libertação dos constrangimentos do quotidiano, que a crença e a devoção atenua, alimenta esperanças, secretas confianças no apego ao São Gonçálinho para que não lhe falte em horas de aflição ou no pedido feito. São Gonçálinho mediador de angústias, alegrias, sofrimentos, agradecimentos e divertimentos. São Gonçálinho brincalhão.

⁵ Irmandade liderada por um juiz, pessoa soberana a quem todos os mordomos obedecem, geralmente nomeado pela mordomia. Segundo o testemunho de um ex-mordomo, Senhor António Luís, geralmente é uma das pessoas com mais idade ou carismático. Os mordomos não são eleitos e a sua responsabilidade na comissão das festas é cíclica mudando anualmente ou de dois em dois anos. A integração na Mordomia pode, também, ser feita por promessa respeitada pelos demais. Cabe ao Juiz orientar o caminho que julga ser o melhor para a mordomia. Constituída por 12 a 15 mordomos entram através de promessa. Os mordomos reúnem regularmente, ao longo do ano. A preparação da festa começa quando a anterior termina. A última palavra é sempre dada pelo juiz, apesar de todos participarem no processo da decisão. Mas, cabe ao Juiz o comando das decisões. Ele é o elo de ligação entre todos. As mordomas têm um papel distinto, não assistindo às reuniões, não participam nas decisões dos mordomos. As suas funções são, sobretudo de decoração da capela, arranjos e limpeza. Em 2001 havia 100 mordomas, deixando a mordomia quando a saúde fraqueja para assegurarem as suas funções (Jeanete, Nuno, Daniel, 2001).

⁶ No dia 10 de Janeiro celebra-se São Gonçálinho. Na verdade, a Festa dura um fim de semana alargado, podendo ser o fim de semana anterior (sempre que o dia 10 de Janeiro calha até quarta feira), ou o seguinte. Marques Gomes cit. por José Tavares, “A Festa de S. Gonçálinho”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, vol. I, 1935, pp.127 – 133. De acordo com Daniel Tércio e referenciando Marques Gomes “Na verdade, a Festa dura um fim-de-semana alargado, podendo ser o fim-de-semana anterior (sempre que o dia 10 de Janeiro calha até quarta feira), ou o seguinte. cit. por José Tavares, “A Festa de S. Gonçálinho”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro, vol. I, 1935, pp.127 – 133.

O conteúdo simbólico dos seus rituais⁷, algum secretismo que envolve a organização da mordomia, a celebração dos devotos aveirenses, entre outros aspectos da festa,, merecem uma investigação aprofundada. Por agora, trataremos alguns aspectos dos rituais que conjugam os tempos de cada celebrante, com o tempo comum compartilhado colectivamente.

São Gonçalinho tem residência fixa no coração do bairro da Beira-Mar, na capela edificada em sua honra, em 1712-1714, decerto com o contributo de muitos devotos Aveirenses, entre eles, marnotos e pescadores. Situada na parte ocidental da cidade de Aveiro, a cerca de 50 metros da praça do peixe, a capela é o lugar de encontro. De forma hexagonal, tem um adro, outrora circunscrito por um muro baixo, atualmente inexistente. Duas portas dão acesso a esta morada. Do lado exterior e sobre a porta principal, São Gonçalinho dá as boas vindas, do alto do nicho incrustado na parede, na direcção da qual se ergue uma sineta que em dias de festa, anuncia à comunidade que vai haver devotos a pagar promessas, fazendo lançar os votos de ação de graças, em doces e duras cavacas da platibanda (dizem de construção mais recente).

No interior, São Gonçalinho ocupa o lugar cimeiro e central, dali nada lhe escapa. Partilhando a mesma visão com São Bento e São João, um de cada lado: – “*Está a ver aquele dali ao lado é o São Sebastião, aquela ali é a Nossa Senhora das Necessidades e o outro é São Roque*”. Dona Emília não sabe explicar porquê estes Santos e não outros, apenas: – “*Porque sim. São Santos da nossa devoção*”, remata.

Logo a seguir ao pequeno coro, no lado direito, quem entra na capela pelo acesso da sacristia o olhar encontra-se do Senhor Jesus a caminho do calvário – “*Ecce Homo*” – acompanhado de São Nicolau e a Senhora da Piedade e a Nossa Senhora de Fátima. Do altar da esquerda, que segue ao púlpito da pregação do Pároco, de novo São Nicolau, São Gonçalo e São João.

As flores, as cores, a disposição da fruição do olhar e ver a emoção estética na manifestação da ludicidade das mordomas que escolhem as mais lindas flores que se aprimoram na configuração e combinação de cores, nos ornamentos: – “*Como já lhe disse*

⁷ Na língua portuguesa ritual - é o conjunto de actos formalizados, expressivos detentores de uma dimensão simbólica. Associada a outras palavras gregas como Artus que significa organização de onde deriva a palavra ararisko que significa harmonizar e adaptar; e também arthmos, ligação junção.

vieram da Holanda”, diz Dona Emília que continua a contar “*Na quarta-feira foram cravos, esteve cá a televisão a fazer gravações, tão lindas que elas são, está tudo perfeito*” (2009). “*É preciso manter a capela bonita e arranjada. Nós fazemos uma parte e as mulheres dedicam-se à outra. Tem sido sempre assim e tudo tem corrido na perfeição*” (João Moreira, 2006).

Não apenas lugar de recolhimento, de oração silenciosa, mas também, de fruição contemplativa e ainda de conversas em voz alta, de risadas e gargalhadas. Artefatos de cera aludem ao pagamento de promessas, graças que São Gonçálinho concedeu. Representando a parte ou corpo inteiro de alguém a quem o “*nosso menino ajudou a curar*”.

A religiosidade manifesta-se na capela de modos muito diversos, um dominador comum é acessibilidade, sem mediação superior da Trindade católica. “*O que tenho a dizer é directo ao Meu Menino*”, diz Dona Emília. Tudo se conjuga, a respeitabilidade da devoção não é apenas silenciosa é também ruidosamente alegre e divertida, diga-se lúdica. Os valores associados à religiosidade popular ordenam os comportamentos e as linguagens que a festa contém, expressas em votos de agradecimento, pagamento de promessas e pedidos de protecção que a crença e a devoção alimentam. Na festa a relação e a interacção social, entre os que a celebram, ganha um outro sentido e afirmam a dimensão colectiva da sua identidade e pertença.

Qualquer um dos rituais da festa é um culto, uma liturgia que manifesta a unidade da comunidade, ligada pelo São Gonçálinho, símbolo e crença singular e subjectiva, fraternalmente partilhada nas experiências públicas dos devotos.

Da capela às ruas, a luminária da festa dá brilho, cor e luz às ruas da Beira-Mar e a outras vias da cidade. Desenhos ligados ao mar, lemes e ramos de flores enfeitam a noite e a visão dos celebrantes.

4. A dança das cavacas abensonhadas

Toca a sineta e mordomos de fato de festa vestidos, o gabão castanho orientam o acesso dos pagadores de promessas cavaquianas às escadinhas de acesso à platibanda. “*Sofro*

de claustrofobia, mas subi de olhos fechados agarrando-me à parede lá fui até a cima para lançar as minhas cavacas descer já foi mais fácil” (2008).

Diz-se que este ritual se iniciou com a iniciativa da caridade de pessoas abastadas de Aveiro que mandavam fazer cavacas para enxugar os estômagos dos pobres corroídos de fome. Sendo a capela um dos pontos de encontro da comunidade, aqui procediam ao lançamento das ditas, arremessando-as lá de cima da platibanda. Cá em baixo as pessoas apanhavam tudo o que podiam: – *“Oh mulher! Até migalhas pisadas se levava”*, diz Dona Emília.

“Nós este ano encomendámos cinco toneladas de cavacas para pessoas que nos pediram. Outras pessoas trazem, por si mesmas, cavacas que comprem nas pastelarias ou nas tendas dos vendedores” (Garcia, 2009). As cavacas da festa são duras e doces, são mais côncavas, diferentes daquelas que se encontram no ano inteiro nas pastelarias, que são moles.

Artefato gastronómico, de ovos e farinha feito, ou como Tércio refere *“pão duro em forma de palmeta, revestido de creme de açúcar”* (2006), é um meio de pagar promessas ou de encomendar alguma graça ao São Gonçalinho. O lançamento de toneladas de cavacas uma a uma, torna-se numa dança abensonhada para aqueles que em baixo, no átrio, participam da dança que ocorre no espaço, acompanhando essa dança com a outra dança, aquela que o corpo em festa, braços ao alto como querendo agarrar os céus para não lhes escapar a cavaca, disputam-se os melhores ângulos da queda, mas a incerteza domina e os corpos rodopiam seguindo o movimento das argonautas cavacas. Coreógrafos, improvisados, de longe ou quase perto vão dando indicações, qual bailado em ensaio de ante-estreia: – *“Vai para ali”*; *“desvia-te ainda as levas na cabeça”*; *“ali vem uma”*; *“duas”* *“apanha-as”*; *“Olha a cabeça”*; *“avisei-te”*. Os acessórios desta coreografia espontânea são guardas chuva virados ao contrário, nasas de pesca, longas varas com sacos abertos de rede, saias esticadas em avental para que se quedem no regaço. É, assim, diversificada a coreografia da dança abensonhada das cavacas. Comidas na hora da dança, oferecidas ou partilhadas pelos amigos e família são, por estes, guardadas de ano para ano, como símbolo material da protecção do Santo. *“Uma cavaca de São Gonçalinho apanhada é sinal de que está abençoada”* (Alice, 2009).

5. A dança dos Mancos

Ritual impregnado da lógica das brincadeiras sociais espontâneas, protagonizadas pelos mordomos onde a sua expressividade lúdica é plenamente realizada. “*A Dança dos mancos é, afinal, uma grande paródia, um episódio de transgressão (...) e celebração do Inverno*” (Tércio, 2006:4):

Neste dia de festança
P’ra ti vai nosso carinho
Hás-de ir connosco na Dança
Ó rico São Gonçálinho

Hás-de saltar as fogueiras
À noite no arraial
Dançar com velhas gaiteras
Uma dança divinal.

É, dentro de portas, à noite, na capela que se realiza. Tal como o Inverno contém a primavera e esta o verão e este o Outono, também a noite contém o dia, a lua contém o sol e a vida contém a morte. Este entretanto, noturno, de segunda-feira é amplamente esperado por todos, mesmo pelos que não podem assistir, mas aguardam pelo testemunho que de boca a orelha transmitirão pela noite dentro e dias seguintes. Dentro da capela, sob a bênção do São Gonçálinho, arredam-se os bancos e os mordomos cantam e dançam saracoteando em desequilíbrios possíveis imaginando e corporizando os efeitos das maleitas dos ossos, numa invocação da probabilidade de puderem ou já sofrerem dos ossos. Deste modo, pedem a proteção antecipada a São Gonçálinho, numa espécie de imunização para que tais doenças não lhes tirem a locomoção ou que lhes dê as melhoras. A exaltação da alegria que a brincadeira, entre pares, altas gargalhadas entrecortadas pela dança e pelo canto tudo fazem bailar.

S. Gonçalo arredai os bancos
Que eu quero dançar
A dança dos mancos

Querem dançar
Que farão aqueles
Que podem andar
Ai Sim Ai Sim
Ai Sim Ai Não
Santo da Minha Alma
Do meu coração.

Ó meu rico S. Gonçalinho
Casai-me que bem podeis
Eu já tenho teias de aranha
No sítio que vós sabeis
Ai Sim Ai Sim
Ai Sim Ai Não
Santo da minha Alma
Do meu coração.

S. Gonçalo de lá de cima
É das velhas curreleiras
O Santo de cá de baixo
É das novas pescadeiras
Ai Sim Ai Sim
Ai Sim Ai Não
Santo da minha Alma
Do meu coração.

S. Gonçalo está a mijar
Três navios fez andar
Ainda lá vem um barco à vela
Para S. Gonçalo acabar a mijadela
Ai Sim Ai Sim

Ai Sim Ai Não

Santo da minha Alma

Do meu coração.

Se fordes a S. Gonçalo

Trazei-me um S. Gonçalinho

Se não puderdes com o grande

Trazei-me um mais pequenino

Ai Sim Ai Sim

Ai Sim Ai Não

Santo da minha Alma

Do meu coração.

As dimensões da comunicação-ludicidade e da sexualidade humana manifestadas nas Danças das Cavacas abensonhadas e na dos Mancos aludem a dimensões do sagrado Humano e indiciam que a festa é celebrada sob o signo da fertilidade. São Gonçalinho é uma celebração da vida.

Também na Murtosa, registos escritos (*in* Fotomemória II, 2005), revelam a celebração da festa de São Gonçalo, apesar de na atualidade não ocorrerem. Num relato de Alexandra Ramos, encontramos a indicação da celebração de novenas de São Gonçalo, muito populares no Bunheiro onde existe a capela dedicada ao São Gonçalo. Junto à Ribeira do Esgueirinho, ali se “*juntava povo que vinha de bateira de Salreu, Torreira, para a capela de São Gonçalo. A movimentação dos devotos ocorria aos domingos. Vinham pedir protecção por causa dos cravos e das verrugas, criadas pelos trabalhos árduos na agricultura e na Ria. Havia as novenas de meninas, de meninos, de Marias, e, principalmente, de pares de raparigas e rapazes*”.

Vários rituais de ação de graças a São Gonçalo são referidos pela autora que afirma a propósito, que “*as raparigas levavam na cabeça, por cima do mais vistoso lenço que pudessem arranjar, uma pada⁸ de trigo com dois cravos espetados*”. Na frente, seguia a beneficiária da Graça obtida, com a chamada “*fralda da camisa*” por cima da própria roupa e

⁸ Pão de mistura, trigo e centeio, pequeno e característico do Distrito de Aveiro.

um “*penico*” de papas doces à cabeça. Junto à rapariga ia um rapaz com um ramo de pinheiro ao ombro, onde se via pendurada uma chouriça e uma cabaça de vinho. A 10 de Janeiro, dia de São Gonçalo, os devotos cumpriam as promessas dando nove voltas de joelhos dentro da capela. A festa constava da missa, procissão, arraial com música, foguetes, e subida ao mastro ensebado para ir buscar o galo. Na Murtosa, diversos são os rituais de pagamento das promessas e um deles “*consistia em, depois de rezar, levantar a saia ou arrear as calças e mostrar ao santo o que não se mostrava a ninguém. E esta era a dança mais querida do povo (...) no final da festa comiam-se as padas, a chouriça e as papas doces.*”

A contestação dos “*reitores*” (párocos da igreja católica) a estes rituais pode identificar-se na afirmação de um deles, citado pela mesma autora “*que S. Gonçalo não queria isso, que era fazer a vontade ao Diabo*” (Ramos, 2005: 65). Porém, o povo resistiu à tentação de desistir e aceitar o desígnio institucional católico⁹ que provocaria a morte desta força imanente que habita a mente de Aveirenses, alimentada pela sua religiosidade popular e resistindo, continuou a celebrar o encontro com a vida e a sua partilha com São Gonçalinho.

Qual o simbolismo que encontramos nos rituais festivos enunciados, senão o da celebração da vida e da convivialidade humana que a religiosidade popular mantém, revelando-se na expressividade da comunicação, ludicidade, sexualidade dimensões da plenitude humana.

6. O cortejo dos ramos e passagem do testemunho aos novos mordomos

Juntos, novos e velhos mordomos. Os velhos mordomos seguem no cortejo de mãos dadas, percorrem as ruas do bairro da Beira-Mar, cantam acompanhados pelas mordomas e abrilhantados por uma banda de música e pelo povo. É o momento da passagem do testemunho, é o assumir da transição e da inserção de um novo ciclo de mudanças que assim

⁹ Na actualidade há uma compreensão e aceitação dos rituais de celebração festiva por parte dos representantes da igreja católica. A intervenção do Pároco da Vera Cruz, nas jornadas sobre a festa do São Gonçalinho, promovidas pela Câmara Municipal de Aveiro, é disso exemplo. Ainda, que os rituais da celebração realizadas pela igreja e fazendo parte do programa da festa estejam claramente separados.

se inicia. Em casa, de porta aberta, os novos mordomos aguardam a chegada dos velhos mordomos e brinda-se ao São Gonçálinho e ao encontro concretizado.

De regresso à Capela onde o São Gonçálinho os aguarda realizam a passagem do testemunho, com a entrega do ramo-insíngia da mordomia de São Gonçálinho.

E dá-se por finda a festa e todos devotos conhecidos e anónimos a partilham, da alegria da situação com saudades de futuro e encontro marcado para daí a um ano.

7. São Gonçálinho é e há-de ser “*nosso menino*”, mas será ele de Amarante ou da Índia? Contributo para desvendar o enigma

Como referia Vasco Alves Lopes no seu testemunho, São Gonçálinho parece estar envolto em mistérios. Também, vários são os autores, em Portugal e no Brasil que identificam São Gonçálinho de Aveiro a São Gonçalo de Amarante. Uma dúvida persiste, serão ambos o mesmo ou cada um deles terá origens diferentes? Num trabalho sobre “*A redenção dos pardos: a festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745*” de Rita de Cássia Barbosa de Araújo (2001), a autora refere-se ao culto a São Gonçalo Garcia, na América portuguesa citando Frei António de Santa Maria Jaboatam¹⁰, “*Difundiu-se na década de 1740, quando foram construídas igrejas e instituídas irmandades religiosas, sob a sua invocação em centros urbanos como Penedo, nas Alagoas, Recife, cidade da Bahia e Minas gerais*” (2001:423) destacando, mais ainda, que em Pernambuco trinta anos antes dessa data já se registava o culto ao Santo citando Sotério da Silva Ribeiro que na “*Summa Triunfal*”¹¹ dedicado ao “*Glorioso, e invicto mártir São Gonçalo Garcia, dedicada e oferecida ao Senhor*

¹⁰ Autor do sermão proferido por ocasião das celebrações ao beato, na Vila do Recife, na Igreja de N.S. do Livramento, em 12 de Setembro de 1745, intitulado Discurso histórico, geográfico, genealógico, político, e encomiástico (...) reproduzido por Raquel caldas Lins & Gilberto Osório de Andrade. “Elogio do Homem pardo”, in *Ciência & Trópico*.

¹¹ A *Summa Triunfal* é uma relação dos festejos que os “Homens pardos” do Recife realizaram em primeiro de Maio de 1745 em honra do Beato Gonçalo Garcia. Nas primeiras páginas o autor, Frei Manoel da Madre de Deus, conta que foram os jesuítas que deram a notícia da existência do beato, natural da Índia, e portanto de cor parda (in *Frontispício da Summa Triunfal* da autoria de Sotério da Silva Ribeiro, Lisboa: Oficina de Pedro Pereira, Impressor da Augustíssima Rainha nossa Senhora).

Capitão Joze'Rabello de Vasconcelos em 1745, por seu autor Sotério da Silva Ribeiro e sublinhava que a imagem de São Gonçalo Garcia da América portuguesa tinha sido trazida de Portugal. Indo deste Pernambuco ao reino de Portugal um homem pardo por nome Antônio Ferreira no regresso trouxe uma pequena imagem do beato Gonçalo Garcia com a notícia que lá lhe deram de ser santo da sua mesma cor”(p.16). Contudo, segundo Ernani Mero (1991:239) há indicadores que revelam a existência da devoção ao beato Gonçalo Garcia em 1862¹², na Vila de Penedo (Brasil).

8. Quem é o beato São Gonçalo Garcia? Será o nosso menino?

Em Pernambuco, num registo de Sotério da Silva Ribeiro, dá conta do culto e, 1710. *“Haverá pouco mais de trinta anos, que indo deste Pernambuco ao reino de Portugal um homem pardo de nome de Antônio Ferreira no regresso trouxe uma pequena Imagem do beato Gonçalo Garcia com a notícia que lá lhe deram de ser o santo da mesma cor”*¹³ (p. 16).

Na Summa Triunfal de Soterio da Sylva Ribeiro, editada em 1745, faz-se a relação dos vários *“folgedos, e danças, oração panegirica, que recitou o Doutiflimo, e Reverendifflimo Padre Franciscano. Antônio de Santa Maria Jaboatam, Religiofo Capucho da Província de Santo Antonio do Brazil na igreja dos Pardos da Senhora do Livramento*¹⁴”, *“dos festejos que os homens pardos”* do Recife realizaram em primeiro de Maio de 1745, em honra do Beato Gonçalo Garcia (2001:417).

De acordo com Frei Manoel da Madre de Deus, foram os jesuítas que deram a notícia da existência do beato, natural a índia, e portanto de *“cor parda”* (Soterio S. Ribeiro, 1745: 221).

¹² Ernani Mero, Penedo: Templos, ordens e confrarias. Maceió: Sergasa, (1991:239)

¹³ Sotério da Silva Ribeiro. Súmula Triunfal, p.16.

¹⁴ In Frontispício da Summa triunfal da nova, e grande celebridade do Glorioso, e invicto Martyr S. Gonçalo Garcia: Dedicada, e oferecida ao Senhor Capitão Jozé Rabello de Vasconcellos, por seu autor Soterio da Silva Ribeiro: [...] Lisboa: Na Oficina d Pedro Pereira, Impressor da Augustissima Rainha nossa Senhora. (“a Redenção dos Pardos: A Festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745” de Rita de Cássia Barbosa de Araújo, in István Jancsón e Íris Kantor (org.) Festa, cultura e sociabilidade na América portuguesa, Editora Hucitec Lda, SP, Brasil, vol I, 2001, pp. 418-444.

Quem era então Gonçalo Garcia? Natural da cidade de Baçaim, na Costa do Malabar, a sul de Goa. Nasceu depois de 1533, data da conquista portuguesa de Goa. Gonçalo Garcia era filho de pai Português e de mãe Hindu, tornou-se mercador, atividade que deixou ao tornar-se irmão da Ordem terceira de São Francisco. Foi crucificado em Nagasáqui, no Japão, em 1597. Em 1627 foi beatificado e canonizado em 1862.

O culto, no Brasil, a São Gonçalo inicia-se com “*as aspirações demonstradas pelos homens pardos, que viviam em Pernambuco, de possuírem um santo da sua cor*” (Araújo, 2001:424). Deste modo, o culto indicia a existência de condições de vida infra-humanas de exclusão social, motivada pela cor da pele e a legitimação e expressividade, de um culto público de religiosidade e de religião, a um Santo com a mesma cor de pele, tal como os pretos e os brancos tinham aos seus santos devotos.

Os preconceitos raciais, associados à polémica instaurada no seio dos doutores da igreja católica, na sua maioria pertencentes à elite local dominada pelos brancos, em torno da veracidade da cor da pele do Santo, levou a que o culto se tivesse tornado clandestino e escondido o Santo.

O Frei Franciscano António de Santa Maria Jaboatam, convidado para fazer o sermão de entronização do São Gonçalo afirma: “*o Beato Gonçalo Garcia, como natural da Índia, tinha da cor parda tudo aquilo, que bastava para que eles pudessem ter o por Santo de sua cor*” (Araújo, p.17).

O sermão tornou-se, na liturgia católica um acto revolucionário, ao dar ênfase e precisão às palavras ditas, relembrando a todos, através do seu sermão que “*tidos em ódio pelo homens, e por eles separados até de tudo o que é acção; boa e virtuosa*” “*como se a cor, por acidentes, pudesse ser sujeito de alguma maldade*”. Frei na sua oratória destacou na sua oração que o Beato Gonçalo pardo por nascimento e ascendência era tão digna quanto as demais. O sermão fazia parte dos rituais festivos da festa de São Gonçalo e à liturgia católica competia ser tão impressionista como eram os rituais sensoriais e sensuais da festa: “*Sendo tanto as ocorrências da festa, não podiam ser menos as palavras do Tema*” afirmava Frei António de Santa Maria Jaboatam.

Dentro da igreja e nas ruas o povo brasileiro de Pernambuco, Bahia, Recife, Arrecifes, fazia a festa e celebrava a devoção ao Santo da sua cor Beato Gonçalo Garcia, homem pardo de nascença, ex-mercador de profissão e mártir crucificado no Japão.

Acerca de S. Gonçalo de Amarante, o autor Padre Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha coloca como título do seu livro a questão “S. Gonçalo, História ou Lenda?” (1995). Afirmando que os mais antigos documentos acerca de São Gonçalo fazem referência ao culto, nada referindo sobre a “*sua biografia, da sua personalidade ou da sua espiritualidade*” (1995:19). Afirmando, mais ainda, o autor que numa edição de Hermano de Campos e Roberto Rebelo, de 1513, se encontra a hagiografia de São Gonçalo entre os Santos extravagantes (fl.s CCXXXII-CCXXXIV) a mais antiga hagiográfico entre os 24 ele inventariou (1995:24). Dominicanos e Beneditinos reivindicam a pertença de São Gonçalo de Amarante, às suas Ordens religiosas. Em 1513, São Gonçalo é dominicano cuja festa, a 10 de Janeiro é enunciada, segundo o mesmo autor, numa referência incluída no Missale iuxta usum et consuetudinem Almae Bracharensis Ecclesiae de Lugduni, datado de 1558 que se encontra na Biblioteca pública de Évora. Porém, apenas em 1569, na Paróquia de Ancede, Concelho de Baião, onde existiu um convento dominicano, o autor descobre um texto manuscrito de São Gonçalo e que refere como lhe parecendo ser da 1ª metade do Século XVI, sendo provável que pela semelhança de enunciados, lhe pareça ser, talvez um rascunho do texto de André de Resende, de uma data anterior a 1562.

A disputa entre as ordens levou a que em 1608, em Lisboa, e no decorrer da procissão da Festa de São Gonçalo, o conflito tivesse levado a que os Monges dominicanos, tivessem retirado a imagem do Santo com o traje beneditino. Facto que levou à intervenção papal que pretendendo silenciar o conflito, declara em 1615: “*Dizemos, pronunciamos, e definitivamente determinamos, e declaramos, que não podem, nem podiam os ditos frades de S. Bento, licitamente, e conforme o Direito trazer, nem ter em suas igrejas, e Mosteiros as imagens do dito Beato pintadas em outro hábito, senão só no dos Frades Pregadores, nem pregar aos Fiéis, que foi de outra ordem professo; senão na dos Pregadores. E condenamos aos vencidos para os vencedores na custa dos autos*” Contudo, e apesar disso, os beneditinos continuaram a fazer a festa de São Gonçalo cumprindo com o calendário da sua Ordem Religiosa. Frei Leão de S. Tomás em 1651 e a propósito deste incidente afirma que “*Se a posse he sua, lá saberemos no Ceo, cuja foy a propriedade!*” (1667).

Para além dos vários registos coincidentes e outros nem tanto, registam-se vários testemunhos que dão conta que viveu na segunda metade do século XIII. A biografia oficial, segundo Arlindo Cunha, é apresentada como tal no *Flos Sanctorum* de 1513.

Dá-se como ter nascido em Tagilde, pelos anos de 1190. Frequentou a escola episcopal da Braga, que no século XIII era muito prestigiada. Nomeado pároco de S.Paio de Vizela, freguesia perto de Tagilde, emigrou para Roma, esteve em Jerusalém e voltou à sua terra sem paróquia e sem bens. Fez da pregação do evangelho e da contemplação de eremita a sua vida de mendigante, até à sua morte que se diz ter ocorrido em 1259, no dia 10 de Janeiro. O rei de Portugal D. João III, um grande devoto, foi um dos primeiros a empenhar-se para a beatificação de São Gonçalo em Roma. O Papa Júlio III, em 24 de Abril de 1551, beatifica-o e Pio IV confirma a beatificação em 1561; generalizando e legitimando o seu culto. O Papa Clemente X sublinhando na liturgia e rituais festivos em sua honra a toda a Ordem Dominicana em 1671.¹⁵ Mas antes desta institucionalização já a religiosidade popular fazia de São Gonçalinho o seu patrono, devoto, protector, milagreiro.

Seja ele discípulo de Santo Agostinho, de São Francisco ou de São Bento, seja ele Hindu-português ou português de Tagilde, o fato é que o culto popular das gentes de Aveiro a São Gonçalinho foi passando de boca a orelha, do local ao global e apenas passados a escrita mais tarde. A festa faz-se primeiro no coração de cada devoto, é alimentada ao longo de cada dia do ano que medeia cada encontro realizado, em Janeiro, torna-se num oásis quotidiano e quando chegam os dias da celebração comum, a expressividade da religiosidade individualmente vivenciada é celebrada e colectivamente actualizada, na vida singularmente comum.

¹⁵ História Eclesiástica de Portugal, Lisboa, União Gráfica, 1958, 3ª edição, p.173.

9. Referências

1. Rita de Cássia Barbosa de Araújo, “A Redenção dos Pardos: A Festa de São Gonçalo Garcia no Recife, em 1745”, in István Jancsó e Íris Kantor, orgs., *Festa, cultura e sociabilidade na América portuguesa*, Vol I, (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001), 417-444.
2. P. J. B., “O Santo da Beira-Mar”, *Jornal O Aveiro*, 5 jan. 2006.
3. P. J. B., “Cavacas, cavacas e mais cavacas”, *Jornal O Aveiro*, 5 jan. 2006.
4. João Gonçalves Gaspar, *S. Gonçalo* (Aveiro: Mordomia das Festas de São Gonçalo, 1975).
5. István Jancsó e Íris Kantor, orgs., *Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, Vol. I, (São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001).
6. Jeanete Conceição, Nuno Costa e Daniel Santos, *Festas de São Gonçalinho*, Trabalho de projecto realizado sob a orientação da Prof. Maria Conceição Lopes, no âmbito da disciplina de Comunicação Institucional, da licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, da Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, 2001.
7. Jorge S. Pandeirada, *São Gonçalinho*, (Aveiro: Jorge Pandeirada, 1998).
8. Daniela Sousa Pinto, “S. Gonçalinho: o menino da Beira-Mar”, *Jornal Campeão das províncias*, 6 jan. 2000.
9. Alexandra F. Ramos, *Murtosa- Fotomemória II*, (1ª edição da Autora, 2005), 65.
10. Paula Rocha, “A Fé, a tradição e a festa, oito toneladas de cavacas à espera dos fiéis”, *Jornal O Aveiro*, 5 jan., 2006.

11. José Tavares, *A festa de S. Gonçalinho*, (Arquivo do Distrito de Aveiro: Vol. 1, nº 2, 1935), 127-133.

12. Daniel Tércio, “Celebrar o Inverno”, *Jornal Expresso*, 4 fev., 2006.